

## Resenha do livro *Sovereignty as symbolic form*, de Jens Bartelson

Wagner dos Santos Martins

### **Wagner dos Santos Martins**

é Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) E-mail: wagnermds18@gmail.com

BARTELSON, Jens. *Sovereignty as symbolic form*. New York: Routledge, 2014, 134p.

A soberania estatal é considerada pelos teóricos políticos como um conceito central para as Relações Internacionais. O livro *Sovereignty as symbolic form* de Jens Bartelson foca em como ir além dos debates contemporâneos sobre soberania e os impasses que eles criaram na tentativa de sua compreensão, variando desde visões que a consideram um atributo dado e exógeno aos Estados, enquanto outros, fortificados pelo fenômeno conhecido como “Virada linguística”, argumentam estar a soberania intimamente ligada às ações humanas, aos contextos históricos, não sendo, portanto, atemporal e imutável.

Amparado em suas duas obras predecessoras *A Genealogy of Sovereignty* (1995) e *The Critique of the State* (2001), Bartelson argumenta que o debate acadêmico sobre soberania atingiu um impasse<sup>1</sup>. A principal razão para ele seria a divisão entre as duas interpretações acerca da soberania estatal enquanto conceito essencial, central para a vida política e o entendimento da relação entre as nações. Nesses termos, o debate acadêmico se tornou polarizado em dois extremos onde a soberania ou possui uma essência imutável ou é o que nós fazemos dela.

Para sair desse impasse, Bartelson argumenta que, no intuito de compreender o significado da soberania no presente e ultrapassar o impasse a que nós chegamos nos debates outrora referidos, devemos entendê-la mediante uma forma simbólica. Como amparo, o autor utiliza o conceito de forma simbólica de Ernst Cassirer<sup>2</sup> e se esforça, ao longo do seu livro, para mostrar como se daria a estrutura simbólica da soberania, e como ela pode ser entendida mediante as formas e práticas que seu sentido expressa. A questão central não seria se a soberania tem uma essência imutável, mas como sua representação simbólica é expressa no presente e como ela tem sido usada para organizar a esfera política. O argumento central do livro é que a soberania como forma simbólica tem se tornado um instrumento de governabilidade, cujo objetivo seria o de manter a ordem internacional.

Bartelson ainda argumenta que o principal papel da soberania é legitimar e reificar o próprio sistema internacional. Além disso, os debates acerca da soberania como forma simbólica se tornam relevantes e continuam a permear as discussões justamente pelo fato de seu significado ser altamente contestado. E cada contestação de seu significado, embora relevante, acaba por estabelecê-la como central para o entendimento da ordem internacional.

Embora seja um livro curto, se comparado às suas duas obras anteriores citadas, a obra é uma fonte importante, como afirma o próprio autor, para ir além de seus trabalhos antecessores e explorar novas arenas de pensamento para entendermos os significados e práticas da soberania na moderna vida política das nações. É especialmente importante pela forma como ela tem sido utilizada como instrumento de governança: estudos da paz, intervenções militares, responsabilidade de proteger, disputas territoriais e a relação entre ambiente doméstico como dotado de hierarquia e ordem, ao passo que o

internacional ausente destas, todas estas questões revelam a importância dos estudos sobre soberania.

258

O livro é organizado da seguinte maneira: no capítulo 1 *Sovereignty as symbolic form*, o autor inicia a discussão acerca de algumas dificuldades que são encontradas quando se tenta compreender a soberania, seu significado e funções na atualidade, argumentando que elas refletem as tensões na forma como concebemos os conceitos e sua relação com seus possíveis referenciais. O principal argumento de Bartelson é que nem a interpretação essencialista e nem a tendência em considerar a soberania como atrelada aos contextos históricos seguindo a 'Virada linguística' fornece os elementos necessários para entendermos seu significado no presente. Após a discussão introdutória sobre como sair desse impasse, Bartelson descreve como a forma simbólica da soberania pode ajudar a vencer esse problema.

No capítulo 2 *The fetishism of sovereignty*, o autor discute como e por qual motivo os relatos contemporâneos sobre a soberania parecem se voltar contra seus próprios termos, apesar das ambições críticas e argumentos sofisticados. Os debates sobre soberania têm sido permeados pela sua essência, por tentativas de entender as mudanças históricas e pela insistência de que a soberania é completamente vinculada às práticas linguísticas e convenções. O autor, todavia, argumenta que essas tentativas estão presas ao desejo de constituir um atributo à soberania enquanto tentam regular seu significado mediante o uso da linguagem. Para Bartelson, essas tentativas são claustrofóbicas, e acabam falhando em apreciar as constantes mutações recentes e os *inputs* que seu significado recebe através das práticas no contexto global.

Por fim, no terceiro e último capítulo, *Restoring sovereignty*, o autor argumenta que o fetichismo em relação à soberania acabou por nos cegar das atuais funções dela, mas ao mesmo tempo fornecido uma semente conceitual dos horizontes a serem transpostos nesses debates. Nesses termos, tratar a soberania como uma forma simbólica, variável de acordo com as práticas no sistema internacional seria capaz de nos levar além e entendermos as profundas implicações dela no *modus operandi* do sistema internacional no presente.

(Recebida em julho de 2016)

(Aprovada em outubro de 2016)

#### Cite esta resenha

BARTELSON, Jens. *Sovereignty as symbolic form*. New York: Routledge, 2014. Resenha de MARTINS, Wagner dos Santos. Resenha do livro *Sovereignty as symbolic form*, de Jens Bartelson. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol. 7 | N. 2, pp. 256 – 259, dezembro 2016. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>.

#### Notas

1. O impasse ao qual Bartelson se refere é em relação às duas grandes vertentes teóricas que divergem acerca do significado e representação da soberania estatal enquanto fenômeno essencial para qualquer comunidade política. Em suma, as duas vertentes são: 1) as

abordagens positivistas, em especial as vertentes realista/neorrealista e liberal/neoliberal; e 2) as abordagens pós-positivistas, sobretudo os construtivistas e pós-estruturalistas.

259

2. Para Ernst Cassirer, a observação não é um fato puro, ou seja, cada grupo social, carregado de valores históricos, tende a designar aos fenômenos as características que são consideradas por eles como corretas ou erradas. Nesses termos, nenhum fato é imune a um juízo de valor, pois cada ser humano valora de acordo com suas raízes históricas os fatos que se apresentam. A 'forma simbólica', conceito criado pelo autor, são as metáforas usadas pelos seres humanos para classificar os fenômenos do mundo. A linguagem, religião, arte, história e outros, são exemplos de formas simbólicas. Toda forma de manifestação cultural é uma forma simbólica que ganha sentido de duas formas: ou pela experiência que temos no mundo ou através da criação da mente humana (LEOPOLD, 1955).

#### **Referências Bibliográficas**

BARTELSON, Jens. *A genealogy of sovereignty*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

BARTELSON, Jens. *The critique of the state*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BARTELSON, Jens. *Sovereignty as symbolic form*. New York: Routledge, 2014.

LEOPOLD, W. F. Reviewed Work: *The Philosophy of Symbolic Forms, Language*, v. 31, n. 1, p. 73-84, 1955.